

AUSÊNCIA MATERNA E CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA: IMPLICAÇÕES DA FALTA

RESUMO

Carolina Melo Rosa

melocarol870@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0009-8922-8637>

Centro Universitário do Cerrado

Patrocínio

(UNICERP), Patrocínio, Minas Gerais,
Brasil.

João Paulo de Souza

terapeuta.joaopaulo@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3656-1507>

Centro Universitário do Cerrado

Patrocínio

(UNICERP), Patrocínio, Minas Gerais,
Brasil.

Recebido em: 05/02/2024

Aprovado em: 08/05/2024

DOI:

Correspondência:

Carolina Melo Rosa

Rua Jacinto Alves Pereira, n.º 60, apto
201,

São Francisco, Patrocínio, Minas
Gerais, Brasil.

Direito autorial:

Este artigo está licenciado sob os
termos da Licença Creative Commons-
Atribuição 4.0 Internacional.

INTRODUÇÃO: A cerca da teoria psicanalítica, percebe-se a importância da função materna na constituição subjetiva do sujeito. Cabe à mãe propagar o desejo de existência e pertencimento em relação ao bebê, para que seja possível o desenvolvimento de um vínculo saudável.

OBJETIVO: Compreender como a ausência materna influencia na constituição psíquica do sujeito e de que forma as relações maternas propiciam às faltas subjetivas desse indivíduo, analisando como as estruturas psíquicas sofrem e se constituem a partir da relação materna.

MATERIAL E MÉTODOS: Portanto, buscou-se, em uma revisão de literatura e periódicos científico publicados em base eletrônica, artigos correlacionados com estudo em questão. A busca eletrônica totalizou 50 artigos científicos, sendo, de acordo com os métodos utilizados de seleção, descartados dissertações, resenhas, artigos incompletos ou em outra língua que não o português, totalizando 11 artigos a serem utilizados no resultado final, no qual buscou responder o problema de pesquisa em questão: Como a ausência materna influencia a constituição psíquica do sujeito?

RESULTADOS: Foram elaborados quatro tópicos para discussão; olhar materno ao sujeito, objeto de desejo materno, constituição das estruturas psíquicas e implicações da falta na vida adulta, foram conteúdos importantes para a realização da mesma, o que busca articular a relação da falta do sujeito, associado a relação materna.

CONCLUSÃO: Observou-se que é inegável a relação entre sujeito e seu vínculo materno, uma vez que a ausência de uma mãe continente implica a falta de um importante instrumento afetivo de elaboração e transformação das vivências do bebê.

PALAVRAS-CHAVE: Falta; Maternidade; Psicanálise.

MATERNAL ABSENCE AND SUBJECTIVE CONSTITUTION: IMPLICATIONS OF THE LACK

ABSTRACT

INTRODUCTION: Regarding the psychoanalytic theory, the importance of the maternal function in the subjective constitution of the subject is perceived. It is up to the mother to propagate the desire for existence and belonging in relation to the baby, so that the development of a healthy bond is possible.

OBJECTIVE: In this way, the present study will seek to understand how maternal absence influences the psychic constitution of the subject and how maternal relationships favor the subjective absences of this individual.

METHODS: Therefore, it will search in a literature review and scientific journals published electronically articles correlated with the study in question, the electronic search totaled 50 scientific articles, and, based in the selection methods used, dissertations, reviews, articles incompletes or in other languages than Portuguese were discarded, totaling 11 articles to be used in the final result, intending to answer the research problem in question: How does the maternal absence influence the psychic constitution of the subject?

RESULTS: Since four topics for discussion were prepared; maternal look at the subject, object of maternal desire, constitution of psychic structures and implications of lack in adult life, which were important contents for its realization, which seeks to articulate the relationship of the subject's lack, associated with the maternal relationship.

CONCLUSION: It was observed that the relationship between the subject and his maternal bond is undeniable, since the absence of a continent mother implies the lack of an important affective instrument for elaborating and transforming the baby's experiences.

KEYWORDS: Lack; Maternity; Psychoanalysis.

INTRODUÇÃO

Acerca da teoria psicanalítica, vale postular a importância da função materna na constituição subjetiva do sujeito. Cabe à mãe propagar o desejo de existência e pertencimento em relação ao bebê, para que seja possível o desenvolvimento de um vínculo saudável (THEISEN, 2014).

Todavia quando há uma lacuna nesta função, a mãe deixa o bebê em uma condição de falta no período inicial de sua constituição, gera um desamparo das funções que o constituem. Dessa forma, não é capaz de apropriar-se da criança, e conseqüentemente não consegue exercer as funções necessárias, fazendo assim com que a criança cresça, com essa ausência afetiva, e desenvolva implicações relacionadas ao seu objeto de desejo (THEISEN, 2014). Não à toa:

A ausência do amor materno pode se apresentar sob outra forma e se expressar por atos diretamente hostis em relação à criança; na nossa vida social, ganham, por um lado a forma de infanticídio e, por outro lado, de sevícias exercidas sobre a criança (BERLINCK, 2014, p. 404).

A partir disso surge a problemática do estudo: Como a ausência materna influencia a constituição psíquica do sujeito? Acredita-se que a ausência afetiva da figura materna, será marcada pela falta no psíquico do indivíduo, gerando assim desequilíbrio emocional e angústia ao sujeito, em relação desta função primária. De acordo com Winnicott (2000, p. 218):

A ausência materna e a falta de apego geram na criança uma necessidade da busca de um objeto transitório; essa criança pode apresentar comportamentos desajustados, como; roubo, insônia; apresentam comportamentos de regressão, tendência antissocial, carência e até uma propensão a delinquência.

Para Lacan (1999), a criança precisa do desejo materno para reconhecer o seu desejo, mas ela não reconhece apenas o desejo por meio da sua imagem especular, mas também o faz por meio do corpo do Outro. Por intermédio do toque e da fala que a mãe dirige a esse que chora, respondendo ao filho, ela supõe saber a razão do seu choro. Possuidora desse saber, a mãe investe no corpo-carne, mapeando 13 uma zona erógena no corpo do filho e o amarrando a significantes. Ou seja, a mãe, como Outro de linguagem, vai significando um corpo e, ao mesmo tempo, o nomeando, dando um lugar a este pequeno ser no discurso. Neste sentido, compreende-se que: O sujeito é efeito da obra da linguagem; como tal, está antecipado no

discurso parental. Que tal estrutura opere na criança depende em parte da permeabilidade que o constitucional e o maturativo lhe ofereçam desde o plano biológico. Porém, de forma decisiva depende da insistência com que os personagens tutelares da criança sustentem essa estrutura na região de seu limite (JERUSALINSKY, 2004, p. 29).

O interesse pelo tema abordado, sucedeu à partir do processo de análise da pesquisadora, correlacionando com sua história, em uma perspectiva social e afetiva, emergindo as implicações da ausência materna associada a falta. Logo, entende-se:

A relação entre sujeito e objeto sendo marcada pelo conflito, isto é, confrontada por uma teoria na qual o objeto harmônico aparece como objeto terminal, ou seja, como aquele para o qual convergiram as etapas parciais do objeto. Lacan questiona a ideia do objeto genital como sendo o objeto em que culminariam os estágios pré-genitais do objeto, os quais teriam, então, estatuto provisório em um desenvolvimento subjetivo considerado saudável. A relação de objeto se orientando por uma convergência para o objeto genital remete, segundo Lacan, à ideia de uma maturação da relação do homem com a realidade (DARRIBA, 2005, p 65).

A relevância científica deste trabalho, consiste em compreender como a ausência materna influencia na constituição psíquica do sujeito, e de que forma as relações maternas propiciam às faltas subjetivas desse indivíduo, desta forma, o presente estudo busca em uma revisão de literatura, entender os aspectos dessa ausência afetiva da figura materna, na relação com sujeito, analisando as estruturas psíquicas que se constituem a partir desta relação, e quais possíveis implicações da falta, nessa constituição primária.

Nesse contexto, o objetivo geral do referente artigo foi definido como compreender como a ausência materna influencia na constituição psíquica do sujeito. Contudo, o trabalho exige e que objetivos menores sejam cumpridos para alcance deste maior, sendo os objetivos específicos tratados os seguintes: investigar como a relação materna afeta e propicia às faltas subjetivas do sujeito; entender quais os aspectos influenciam os objetos de desejo dos sujeitos que tiveram que lidar com ausência materna; e analisar como as estruturas psíquicas se constituem a partir da relação materna.

MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo refere-se a uma revisão sistemática da literatura, e tem como objetivo compreender a ausência materna na constituição subjetiva do sujeito e suas implicações a falta. Segundo Guanilo, Takahashi e Bertolozzi (2010), a revisão sistemática de literatura é um estudo que visa compreender questões teóricas, e unificar conhecimentos, em diferentes bases e interpretações. Desta forma, este estudo visa entender como a ausência da mãe, pode influenciar na constituição do sujeito.

A revisão sistemática de literatura é um método rigoroso, que se baseia em revisões do tema escolhido, buscando descrever de forma organizada qual o caminho percorrido para encontrar os estudos temáticos, além de buscar unificar conhecimento para estruturar novas propostas de pesquisas (GUANILO; TAKAHASHI; BERTOLOZZI; 2010).

O presente estudo tem como base referencial a teoria psicanalítica, visando identificar e compreender e questões relacionadas a ausência materna no processo de constituição do sujeito e suas possíveis implicações acerca da falta. Desta forma a busca teórica em sua origem é essencial para entender os seus fundamentos e sendo também uma forma de construção de pensamento. Partindo desse pressuposto, o estudo percorrerá por caminhos metodológico, em torno da psicanálise, desfrutando de autores como, Freud, Winnicott e Lacan entre outros, para conclusão deste trabalho.

Desta forma, definiu-se uma busca de artigos que apresentassem dados relevantes acerca da ausência materna e a constituição psíquica do sujeito e suas inferências a falta, através de periódicos científico publicados em base eletrônica a saber: Pepsic, Lilacs, Scielo e Google Acadêmico. Foram utilizados os seguintes descritores: falta, ausência materna, psicanálise e subjetividade. Para decidir por estes termos, analisou-se o que se relacionava melhor com o objetivo deste estudo.

Sendo assim, foram descartadas, resenhas, dissertações, livros, entre outras modalidades de trabalho, utilizando-se apenas de artigos que contemplassem ao referencial teórico psicanalítico. Isto posto, foi feita uma busca na base de dados google acadêmico no dia 20 de julho de 2022, com os descritores: falta, ausência materna, constituição psíquica, psicanálise, estudos encontrados. Os critérios considerados primariamente foram o idioma e a possibilidade de encontrar estes artigos na íntegra. Outro critério foi o intervalo dos anos das publicações considerando um intervalo de 17 anos, de 2005 até 2022 tendo relação com o tema da pesquisa, o idioma utilizado.

A busca eletrônica totalizou 50 artigos científicos com base de dados google acadêmico. Em seguida foram utilizados os métodos de seleção, para inclusões e exclusões dos artigos lidos os resumos de todos e selecionados aqueles que melhor relacionavam com o tema deste estudo em questão. Foram descartados dissertações, resenhas, artigos em outra língua que não o português, sendo 9 artigos incompletos, 7 em língua estrangeira, 23 fora do intervalo de anos requisitados e fora da temática, totalizando 11 artigos a serem utilizados no resultado final.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A mãe, que por suas percepções e reações expressivas tem a função de recepção e amparo dos estados emocionais primordiais da existência, constitui-se num instrumento afetivo para a elaboração e transformação das vivências do bebê (ALBORNOZ, 2004). Visto posto, a falta de substância afetiva na relação que se estabelece mãe-filho é o ponto que norteia o presente estudo. Desta maneira, foram elaborados quatro tópicos para discussão do mesmo, que conduziram conteúdos importante para a execução deste trabalho.

Sabemos da importância do olhar materno, na constituição do sujeito, uma vez, que esse olhar de cuidado, sustenta e perpassa a relação primária de existência. Isto é, o vínculo materno iniciado nos primeiros ciclos de vida (GOMES, 2016). De acordo com os trabalhos de (GOMES, 2016) e (ANDRADE, 2017) há concordância no que se refere a esse tema, como pode-se observar nas citações e contextos apresentados a seguir:

Segundo Winnicott (2000, p. 218) um bebê não pode existir sozinho, pois é essencialmente parte de uma relação onde se constitui a partir do outro, biologicamente e psiquicamente, e a mãe deve ser suficientemente boa, capaz de oferecer um ambiente suficientemente bom, convivendo sem prejuízos psíquicos.

O bebê começa a existir bem antes de ser concebido como significante, na linguagem, quando é falado. Por exemplo: no desejo dos pais em terem um filho, na escolha do nome, etc. O seu corpo (da ordem do Real) é, portanto o receptáculo do discurso dos pais, é o lugar de inscrição. A sua expressão corporal encontra-se assujeitada ao Outro a quem o gesto é dado a ver, assujeitada a seu olhar,

assim como a palavra ao ouvido do auditor, e engajada no mesmo semblante e na mesma busca de ser compreendido, notado, amado (RAMALHO, 1989, p.68).

De acordo com Winnicott (1967/1975) o precursor do espelho é o rosto da mãe e nas primeiras fases do desenvolvimento emocional do bebê, o ambiente materno desempenha um papel vital na sua constituição psíquica, uma vez que ele ainda não se separou da mãe como uma unidade. Essa separação se dá gradativamente, entre o “eu” e o “não eu”, a partir dos cuidados ambientais fornecidos pela mãe ao bebê.

Nesse sentido (GOMES, 2016), para que o espelhamento aconteça é necessário que a mãe se constitua como um continente para que o bebê se desenvolva, em relação aos primeiros momentos de vida, pois, os recém-nascidos estarão com a percepção aguçada, desta forma conseguem capturar as reações maternas, como mudança de humor característico, ou estado depressivo, maníaco ou psicótico de sua mãe.

Os bebês desenvolvem seus sistemas visuais-motor rapidamente, desta forma eles enxergam razoavelmente bem na distância focal certa, controlando os movimentos dos olhos responsáveis pela fixação e busca visual de objetos. Eles aprendem inclusive a ficar de olho no rosto da mãe durante quase todo o tempo. Esse tipo de experiência faz com que o rosto do ambiente materno seja importante para o bebê, pois, na medida em que ele se vê refletido nos olhos da mãe, e no que ela reflete em seus olhos, o olhar vai se tornando uma das formas pelas quais ele vai integrar a sua vivência com o ambiente materno, integrando ainda, por conseguinte, seu ego, seu mundo interno e seu self (GOMES, 2016).

A identificação da mãe com seu filho e o estado de identificação do filho com a mãe. A mãe introduz na situação uma capacidade amadurecida, ao passo que a criança se encontra nesse estado porque é assim que as coisas começam (WINNICOTT, 1965/1982, p. 21).

O bebê necessita não só que a mãe o veja, mas o reconheça da forma como ele mesmo se vê nos olhos dela. Ser reconhecido é uma necessidade básica que o ser humano tem assim que vem ao mundo, e essa experiência perdurará por toda a vida, buscando no outro esse reconhecimento que um dia experimentou (GOMES, 2016, p.19).

O contato olho no olho é um dos componentes na matriz do comportamento materno-infantil que promove interações recíprocas. A natureza do olhar entre a mãe e o bebê colabora para o desenvolvimento da interação entre ambos convergindo para a intimidade desse par. Winnicott reitera esse pensamento ao afirmar: É nestes primeiros estágios de comunicação entre

o bebê e a mãe que esta última está assentando as bases da futura saúde mental do bebê, e no tratamento das doenças mentais defrontamo-nos, necessariamente, com os pormenores das falhas iniciais de facilitação.

No que diz respeito ao espelhamento não é uma prática que se dá exclusivamente pelo olhar, mas sim por um conjunto de experiências recíprocas entre a mãe e o filho, no qual se inclui o olhar. Todavia, para criança a falta da identificação desse olhar materno, pode supor, que a mãe provém de alguma patologia, desta forma podendo assim a vir provocar algum distúrbio psíquico do seu filho. Assim como, a falta de sustentação do olhar do bebê para a mãe, ou para qualquer pessoa do seu círculo, pode ser indícios de que um distúrbio psíquico desenvolvido (GOMES, 2016).

De acordo com os trabalhos de (BERLINK, 2014), (DARRIBA, 2005) e (GOMES, 2009) há concordância no que se refere a esse tema, como pode-se observar nas citações e contextos apresentados a seguir:

O nascimento do filho em suma provoca uma desilusão; O ideal não encontra ligação na realidade, sendo assim o bebê em sua construção narcísica ao nascer deixa de ser ideal, do ponto de vista materno, fruto de uma ilusão. Ora o objeto dessa desilusão passa, a ser desprezado, no qual deixa de cumprir a função para qual foi idealizado (BERLINK, 2014).

Todavia, desde o nascimento a criança passa a ser convocada no desejo de amor materno, por outro lado, o bebê permaneceria presa ao corpo mãe, e ao seu próprio, se dissesse sempre “sim” a esse chamado. Logo, é apenas ao dizer “não” a esse amor que a criança tem a possibilidade de se desenvolver (GOMES, 2009).

Segundo Lacan (2005), toda relação a dois é sempre mais ou menos marcada pelo estilo do imaginário. Para que uma relação assume seu valor simbólico é preciso haver a mediação de um terceiro personagem.

A mãe proporciona o surgimento de uma pausa entre os dois, autorizando que o bebê sinta pela primeira vez uma separação entre eu e não-eu. Ao mesmo tempo, ela incrementa o preenchimento desse lugar com os fenômenos transicionais, impedindo que uma efetiva separação se efetue, dotando tal espaço de um caráter potencial.

No que diz respeito a falta do sujeito, pode responder uma falta no Outro. Ele distingue o sujeito e o Outro a partir de dois conjuntos e, por meio deles, ele inscreve dois modos de

relação: a alienação e a separação. Assim, o sujeito encontra a equivalência de sua falta na falta do Outro. O objeto do conceito lacaniano por excelência é uma consistência lógica, feito dessas duas faltas que se recobrem. Logo, a partir da falta, criada de algum modo pela castração, o desejo se institui e, é por esse motivo, que Lacan pôde dizer que o objeto causa do desejo. (DARRIBA, 2005). Sobre isto, Darriba (2005) discorre mais em:

Lacan (1969-1970/1992) afirma que sua referência ao Complexo de Édipo se dá pela via do conceito de metáfora paterna. Ele acrescenta, também, que o papel da mãe é, na verdade, o desejo da mãe. É preciso haver um encontro da criança com a falta no Outro.

Em relação ao vínculo estabelecido entre mãe-filho, de certa forma há uma alegria na ideia do nascimento do bebê, porém mais tarde no desenvolvimento da criança, há uma quebra dessa expectativa, a mãe então passa a não desejar mais amamentar o seu filho, pela intenção de não ficar com ele, mas uma vez que mãe amanta a criança, frequentemente ela não pensar em se separar dela. (BERLIK, 2014)

Desta forma subentende que o amor materno não sendo na ordem natural, é uma construção, ou seja, uma volubilidade em forma de compaixão, na esfera da desilusão, por sua vez, que se refere ao ideal materno, uma imagem investida antes do nascimento, se desfaz quando surge a criança. (BERLIK, 2014).

Desde o começo, o sujeito perpassa pelo imaginário de seus pais, uma vez que ele é idealizado por eles, mediante a sua constituição do Eu, denominado narcisismo primário, pois antes do nascimento biológico, o bebê já nasceu no imaginário dos pais, ali se planeja e deposita uma esperança de futuro melhor do que o deles, idealiza-se um filho perfeito (SILVA, et al. 2020).

Em relação a constituição psíquica, Freud percebe que o bebê se inicia a partir de suas primeiras experiências, sejam elas de dor ou satisfação, proveniente de uma série de investimentos vindos do mundo externo. Desta forma ele estabelece o desamparo infantil e a busca de satisfação como elementos constituintes da subjetividade (ZAVARONI, VIANA & CELES, 2007, p. 67)

Conforme (MACEDO et al, 2019), (ZAVARONI et al, 2007) e (SILVA et al, 2020) há concordância no que se refere a esse tema, como pode-se observar na citação, em seu contexto, apresentado a seguir, dos mesmos.

De acordo com Freud, o inconsciente presume uma função da mente, existente desde o nascimento, no qual são registradas marcas decorrentes das experiências vividas pelo bebê posteriormente, em sua segunda tópica do aparelho psíquico, Freud denominará esta instância de Id (FREUD, 1996b).

No que diz respeito a constituição psíquica, ela se estabelece, em relação ao contato externo, desta forma, nominou-se como Ego, essa estrutura Egóica, parte portanto de um Id que age em função das pulsões, mas que é evidente pelas experiências provenientes da realidade principalmente mediadas pela relação com os outros indivíduos ao seu redor (MACEDO, et al 2019).

Conforme, Freud (1950[1895] /1980 citado por ZAVARONI, et al, 2007), em relação às experiências infantis é de extrema importância e percussor do psiquismo. Portanto para ele, o desamparo na primeira infância e a procura por prazer, são componentes constituintes da subjetividade. Para entender o psiquismo, precisa-se compreender os seus anos iniciais, pois o corpo do recém-nascido, demanda necessidades que o mesmo não consegue atender, essas demandas necessitam a seres atendidas, na impossibilidade da realização da mesma, a única ação do bebê será através do choro, que posteriormente, mediante ao choro, traz uma aproximação do outro, para si, promovendo a sua satisfação. Freud, posiciona que esse apontamento se dá a pulsão na constituição psíquica, fazendo assim, que dessa forma, seja mudado a necessidade.

Segundo J.Bowlby (1989 citado por DALLBEM 2005, et al): a criança constrói um modelo representacional interno de si mesma, dependendo de como foi cuidada. Mais tarde, em sua vida, adulta esse modelo internalizado permite à criança, quando o sentimento é de segurança em relação aos cuidadores, acreditar em si própria, tornar-se independente e explorar sua liberdade. Desse modo, cada indivíduo forma um "projeto" interno a partir das primeiras experiências com as figuras de apego. Embora essas representações tenham sua origem cedo no desenvolvimento, elas continuam em uma lenta evolução, sob o domínio sutil das experiências relacionadas ao apego da infância. A imagem interna, instaurada com os cuidadores primários, é considerada a base para todos os relacionamentos íntimos futuros. Sua influência aparece já nas primeiras interações com outras pessoas, afora as figuras de apego, e expressa-se nos padrões de apego e de vinculação que o indivíduo apresentará em suas interações interpessoais significativas. Nisso, conforme os trabalhos de (PISETTA, 2009) e

(DALLBEM, 2005 et.al) há concordância no que se refere a esse tema, como pode-se observar nas citações e contextos apresentados a seguir:

A falta possibilita um apoio ao sujeito, e viabiliza a diferença, que se torna possível a construção de um saber sobre si e sobre o outro. Lacan afirma que quando esta base falha, obscurecendo os contornos do objeto e do sujeito, surge a angústia. É por causa de uma certa insuficiência que o sujeito se estrutura, na medida em que o outro também se assemelha a essa estrutura falha. Desse modo, emerge a angústia está ligado a uma suposta completude do outro. (PISETTA, 2009).

O que provoca a angústia é tudo aquilo que nos anuncia, que nos permite entrever que voltaremos ao colo. Não é, ao contrário do que se diz, o ritmo nem a alternância da presença-ausência da mãe. ... A possibilidade da ausência, eis a segurança da presença (LACAN, 1962/2005, p. 64).

No que diz respeito a figura de afeto do indivíduo, há uma relação estreita como a forma que o sujeito percebe as primeiras figuras relacionais, sejam elas cuidadores, ou não, interferindo no seu estado mental, diante disso, algumas figuras de apego, incluindo familiares abusivos, em sua construção rígida, mal adaptadas e inapropriado, podem trazer consequências, no desenvolvimento dessa criança. Nesse caso há uma incompreensão da criança, em relação a outras pessoas, os sentimentos de confiança são destruídos, referentes as primeiras bases de apego (DALLBEM 2005, et al).

De acordo com J. Bowlby (1989), as experiências precoces com o cuidador primário iniciam o que depois se generalizará nas expectativas obre si mesmo, dos outros e do mundo em geral, com implicações importantes na personalidade em desenvolvimento.

Na infância são formados os modelos internos de funcionamento, que na vida adulta são menos evidentes em relação a esse vínculo, pois o adulto já tem suas necessidades de segurança atendidas, porém, os mesmos se mostram, a partir das experiências infantis difíceis, como falha na reconstrução da memória, apegos evitativos e dificuldade de compreender as emoções. São relatos marcados na infância, quando a criança consegue formar os modelos internos que são esquematizados pela a organização da memória na infância, desta forma a criança que foi correspondida na sua demanda, de conforto e segurança, obterá essa resposta, nós vínculos bem estabelecidos (DALLBEM 2005, et al).

Nesse sentido, (J. BOWLBY, 1981, p.73) aponta:

Uma criança precisa se sentir que é objeto de orgulho para a sua mãe, assim como a uma mãe necessita sentir uma expansão de sua própria personalidade na personalidade de seu filho: ambos precisam se sentir profundamente identificados um com o outro. Os cuidados maternos com uma criança não se prestam a um rodízio; trata-se de uma relação humana viva, que altera tanto a personalidade da mãe quanto a do filho.

Segundo Lacan no que diz respeito sobre a “falta” é que ela é constitutiva do sujeito, dessa forma se evidencia na angústia, essa falta se apresenta pela lógica indicadora e transportadora da verdade desta falta. Seu surgimento se dá quando a própria falta pode faltar, nesse caso, vale ressaltar a referência à linguagem é a dubiedade de significações que o discurso promove. Visto que as ligações entre o conceito de angústia e o conceito de sintoma logo se fazem notar. O sintoma se vincula à angústia, quando compreendido como testemunha de que o recalque falhou, e ainda quando compreendido como uma suplência no eu a toda impossibilidade de satisfação (LACAN, 1962/2005, p.98).

De acordo com Freud, (1909/1976, p.108) - em estranhos desejos inconscientes, sustenta que a angústia aponta para uma falta, versão edípica da castração, repetida nas experiências que causam estranhamento.

Deve ser indiferente a questão de saber se o que é estranho era, em si, originalmente assustador ou se trazia algum outro afeto esse estranho não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo de recalque (FREUD, 1919/1976, p.298).

CONCLUSÃO

O presente trabalho, trouxe a pesquisadora, reflexões acerca da constituição subjetiva e suas implicações a falta, considerando aspectos importante em relação ao psiquismo mãe-filho, mediante à realização deste trabalho, foram percorridas diversas leituras de artigos, para sanar a indagação em evidência, como a ausência materna influência a constituição psíquica do sujeito. Observou-se que é inegável a relação entre sujeito e o seu vínculo materno, uma vez

que a ausência de uma mãe continente implica a falta de um importante instrumento afetivo de elaboração e transformação das vivências do bebê.

Todavia, verificou-se que a falta para essa criança de amor materno, afago, é o que a ajudaria a organizar as suas pulsões libidinais e a inaugurar o simbólico, constituindo-o como sujeito psíquico. Em consequência dessa ausência, o bebê, inundado pela angústia, não conseguirá estabelecer ou manter de forma equilibrada a integração do seu ser instintivo, cognitivo, afetivo e ambiental. Dessa forma, havendo uma possibilidade de traçar experiências invasivo-abusivas de diversas ordens. Uma vez que, esse olhar materno o faltou, por conseguinte, uma mãe que não foi suficientemente boa, ou seja, aquela que não foi capaz de realizar adequadamente o suporte a sustentação e a apresentação de objeto ao bebê a medida em que foi se desenvolvendo. Visto que a criança é totalmente dependente dessa mãe nas fases iniciais.

Conclui-se que o desamparo afetivo na vida do sujeito, possivelmente deixará marcas no psíquico, que provavelmente ao se deparar com situações que se assemelham, a esse desamparo durante a vida adulta, o mesmo buscará saídas alternativas, em relação a essa falta, podendo assim, desenvolver sintomas ou até mesmo o falso-self. Contudo o sujeito poderá percorrer por saídas mais salubres, cujas as pulsões para a vida permitem que ele consiga, elaborar essas vivências, buscando sempre melhorias em uma perspectiva social e afetiva.

Contudo, vale ressaltar que a ausência afetiva materna, influencia no psiquismo da criança, o nascimento do filho em suma provoca uma desilusão, no psiquismo materno, onde se rompe toda aquela ilusão do filho ideal, e passa a ser real para mãe, acredita-se também que não é por crueldade que a mãe propícia a falta ao filho, em virtude, muitas vezes faltou a essa mãe, uma sustentação de afeto também, que por seguinte, pode ser reproduzido de forma inconsciente, em futuras gerações.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, A. C. A infância roubada – enfocando vivências de abuso. **Revista da Saúde**, v. 2, 38-45. 2001.

ANDRADE, J.C; BACELLI. M.S. et al O vínculo mãe-bebê no período de puerpério: Uma análise Winnicottiana. **Revista do NESME**, v. 14, n. 1, p. 1-13. 2017.

BERLINK, Manoel Tosta. As bases do amor materno, fundamento da melancolia. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, (São Paulo). 2014.

BOWLBY, John; AINSWORTH, Mary D. Salter. **Cuidados maternos e saúde mental**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

BOWBY, J. **Apego e perda**: Tristeza e depressão. São Paulo: Martins Fontes, 1980. (Originalmente publicado em 1973).

CHERER, Evandro Quadros; CHATELARD, Daniela Scheinkman. Da coisa impossível ao desejo da mãe interdita. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 20, n. 1, 2018.

DALBEM, J. X.; DELL'AGLIO, D. D. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 57, n. 1, p. 12-24, 2005.

DARRIBA, V. A falta conceituada por Lacan: Da coisa ao objeto. **Ágora** (Rio de Janeiro) v. VIII n. 1, p. 63-76. Jan/jun 2005.

FREUD. S. O estranho. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud**. (Jayme Salomão, trad.). v. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Texto original publicado em 1919).

FREUD. S. Feminilidade. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud**. (Jayme Salomão, trad.). v. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Texto original publicado em 1932).

FREUD. S. Projeto para uma Psicologia Científica. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de S. Freud**. (Jayme Salomão, trad.). v. 1, p. 381-520. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Texto original publicado em 1950[1895]).

GOMES, A. A. **A função materna e a gênese da subjetividade em Winnicott e Lacan**. Psicologia.com PT. 2009.

GUANILO, M. C, D, T. U.; TAKAHASHI, R. F.; BERTOLOZZI, M, R. Revisão sistemática: noções gerais. **Revista Escola de Enfermagem USP**, São Paulo, v. 45, n. 5, p. 1260-1266, 2010

JERUSALINSKY, Alfredo. Desenvolvimento e Psicanálise. In: **Psicanálise e desenvolvimento infantil**: um enfoque transdisciplinar. Trad. Diana Myriam Lichtenstein. 3ª edição – Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

LACAN, J. **O seminário**: livro O avesso da psicanálise (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN, J. **O seminário**: livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2005. (Originalmente publicado em 1962).

MACEDO, Otavio Fernandes et al. 11. A função do desmame na constituição do Ego. **Revista Científica UMC**, v. 4, n. 1, 2019.

RAMALHO, Rosane Monteiro. Função materna na constituição do sujeito. In: **Escritos Psicanalíticos**, Colóquios II. Centro em Trabalho em Psicanálise, 1989.

SARUWATARI, A. A. F.; GAVIGLIA, V. L.; ANTONIO, C. A. Reflexões psicanalíticas a respeito do vínculo materno na constituição do sujeito. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 7, n. 3, 479-492. 2018. doi: 10.17267/2317-3394rpsds.v7i3.202.

SILVA, M. V; GRAMACHO, A. P. Psicanálise com bebês: é possível uma intervenção precoce? . **Psicanálise**, Porto Alegre, 22 (2), 218-228. 2020.

THIESEN, A. P. (2014). **A função materna na constituição psíquica**. Monografia (Graduação em Psicologia). 2014. 87f. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande Sul –Unijuí, Santa Rosa, Rio grande do Sul, Brasil. 2014.

WINNICOTT, D. **O ambiente e os processos de maturação**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

WINNICOTT, D. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, D. W. A preocupação materna primária. In: _____. **Da pediatria à psicanálise**: Obras escolhidas. Rio de Janeiro: Editora Imago, p. 218-232. 2000.

WINNICOTT, D. W. (1975). O papel do espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: _____, **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975. (Trabalho original publicado em 1967).

WINNICOTT, D. W. A integração do ego no desenvolvimento da criança. In: **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983. (Trabalho original publicado em 1965).

WINNICOTT, D. W. A amamentação como forma de comunicação. In _____, **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Trabalho original publicado em 1968).

ZAVARONI; VIANNA; CELES. A constituição do infantil na obra de Freud. **Estudo de Psicologia**, Brasília - DF. 2007.